

ANDRÉ BOTELHO

Professor do Departamento de Sociologia e do
Programa de Pós-graduação em Sociologia e
Antropologia do IFCS-UFRJ e pesquisador do CNPq
e da Faperj

**DE OLHO EM
MÁRIO DE
ANDRADE**

uma descoberta intelectual
e sentimental do Brasil

Coordenação
Lilia Moritz Schwarcz

claroenigma

Copyright do texto © 2012 by André Botelho

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Rita da Costa Aguiar

Imagem de capa

Fotografia de Mário de Andrade. Coleção Mário de Andrade. Arquivo fotográfico do Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP

Imagem de quarta capa

Retrato de Mário de Andrade por Lasar Segall, pintura a óleo sobre tela, 72 x 60 cm. Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros – USP. Lasar Segall, 1891 Vilna – 1957 São Paulo

Preparação

Maria Fernanda Alvares

Revisão

Luciana Baraldi

Luciane Helena Gomide

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Botelho, André

De olho em Mário de Andrade: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil / André Botelho; coordenação Lília Moritz Schwarcz. — 1ª ed. — São Paulo: Claro Enigma, 2012.

ISBN 978-85-8166-014-1

1. Andrade, Mário de, 1893-1945 2. Andrade, Mário de, 1893-1945 - Crítica e interpretação 3. Poesia brasileira - História e crítica 4. Poetas brasileiros - Biografia I. Schwarcz, Lília Moritz. II. Título.

12-06747

CDD-928.6991

Índice para catálogo sistemático:

1. Poetas brasileiros: Biografia 928.6991

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA

Rua São Lázaro, 233

01103-020 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

9 INTRODUÇÃO

Trezentos, trezentos e cinquenta

18 CAPÍTULO I

Dimensões de um intelectual

28 CAPÍTULO II

Multiplicado e dividido

38 CAPÍTULO III

O modernismo como projeto coletivo

52 CAPÍTULO IV

Música, doce e difícil música

65 CAPÍTULO V

Modernismo para todos

77 CAPÍTULO VI

O enigma Brasil

88 CAPÍTULO VII

Sentir e pensar o Brasil

106	<i>Considerações finais</i>
114	<i>Leia mais</i>
120	<i>Cronologia de apoio</i>
133	<i>Sugestões de atividades</i>
137	<i>Agradecimentos</i>
138	<i>Créditos das imagens</i>
141	<i>Sobre o autor</i>

INTRODUÇÃO

Trezentos, trezentos e cinquenta

O leitor precisa ser advertido logo de saída: não é possível apresentar Mário de Andrade, e sua trajetória intelectual, a partir de narrativas demasiado ordeiras — senão sob pena de extrema simplificação. Talvez por isso, ainda hoje, a ausência de biografias sistemáticas sobre esse que certamente é um dos intelectuais brasileiros mais importantes de todos os tempos seja tão sentida. Não é mesmo simples a tarefa. Afinal, Mário de Andrade foi homem de muitas faces, dimensões e significados, como ele mesmo se definiu, ou se dissimulou, num dos poemas do livro *Remate de males* (1930), “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta”.

Em sua vasta e diversificada obra, Mário de Andrade fala muito de si mesmo, o que não facilita em nada nossa tarefa. Mas o que torna realmente complexa esta empreitada é, sobretudo, o fato de que sua trajetória intelectual se encontra, hoje, inteiramente embaraçada e mesmo confundida com a da moderna cultura brasileira. Se afirmações desse tipo também podem ser feitas para alguns outros artistas e/ou intelectuais brasileiros do século xx, em nenhum outro caso, porém, parece fazer tanto sentido como no de Mário de Andrade. E isso para o bem e para o mal.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu a 9 de outubro de 1893, na casa do avô materno, Joaquim de Almeida Leite Moraes, na rua Aurora, 320, no centro de São Paulo. É o se-

gundo filho do casal Maria Luísa de Almeida Leite Moraes e Carlos Augusto de Andrade; e irmão de Carlos, cinco anos mais velho, de Renato, nascido seis anos depois de Mário e morto aos catorze anos, em 1913, e de Maria de Lourdes, a caçula, nascida em 1901.

De origem humilde, Carlos Augusto de Andrade, o pai de Mário, exerceu várias funções ao longo da vida, como a de tipógrafo, guarda-livros, escriturário, gerente de banco e comerciante, embora também tenha manifestado habilidades letradas, como jornalista e dramaturgo, que o notabilizaram em São Paulo. Criou a *Folha da Tarde*, em 1879, o primeiro jornal vespertino (isto é, publicado à tarde) da cidade de São Paulo, foi jornalista de talento reconhecido, tendo trabalhado em diversos jornais, como *O Constituinte*, de propriedade de Leite Moraes, seu futuro sogro. Ligado ao mundo do teatro, Carlos Augusto foi um dos proprietários do Teatro São Paulo, promovia representações de peças curtas, além de ter sido autor da aplaudida comédia *Palavra antiga*.

Já a família materna de Mário de Andrade, embora sua avó tivesse origem humilde, como a do seu pai, de quem, aliás, era aparentada, pelo lado de Joaquim de Almeida Leite Moraes era tradicional e abastada. Presidente da Província de Goiás, em 1881, Leite Moraes foi importante político liberal, três vezes deputado da Assembleia Provincial, além de professor da renomada Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo de São Francisco.

Em 1881, Carlos Augusto acompanhou o futuro sogro, que o havia convidado para ser seu oficial de gabinete, em uma longa viagem para a Província de Goiás e região, para a qual Leite Moraes acabara de ser nomeado presidente pe-

lo Governo Imperial. A viagem feita pelo avô materno e pelo pai através dos rios Vermelho, Araguaia e Tocantins, chegando até o Pará, certamente marcou muito as narrativas familiares e Mário de Andrade. Este não apenas faria, anos mais tarde, seu Macunaíma percorrer caminhos e viver situações semelhantes às relatadas pelo avô no livro que publicou sobre a viagem — *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte: Considerações administrativas e políticas* —, como ainda parodiou o título desse livro no relato da viagem que fez à Amazônia em 1927, chamado *O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega!*

Depois da morte do avô materno, quando Mário tinha apenas dois anos de idade, a família Andrade passou a ter uma vida relativamente simples, mas confortável. Apesar de ser católica e conservadora do ponto de vista ético, fazia parte de uma classe média de orientação política liberal altamente instruída e, por isso, muito pouco convencional no universo provinciano da cidade de São Paulo de então.

Mário de Andrade não herdou nem construiu patrimônio material relevante: a única propriedade que comprou foi o sítio Santo Antônio, em São Roque, em 1944, legado, por seu valor histórico e artístico, ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que ajudara a criar. Mário de Andrade também não obteve títulos universitários, prestigiosos e muito importantes na época, como o de direito, por exemplo, que habilitava os jovens bem-nascidos a assumirem não apenas a magistratura mas também os postos parlamentares e os altos postos do serviço público, como foi

o caso de seu irmão mais velho, Carlos. Mário acabou por diplomar-se pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde deu aulas a vida inteira.

Mário de Andrade não pôde, portanto, contar com os privilégios que muitos dos jovens com quem estudou e conviveu ao longo da vida contavam. Estes, herdeiros de famílias importantes, mesmo quando decadentes economicamente, podiam continuar se valendo das redes de amizade nos círculos oligárquicos, às quais sempre se podia recorrer para recomendações e colocações de prestígio na política e na burocracia do Estado. Esse foi, em grande medida, o caso de seus companheiros de geração originários da elite paulista, como o escritor Oswald de Andrade.

Retrato de Oswald por Tarsila do Amaral: companheiros nos anos iniciais do movimento modernista, os dois Andrades logo se distanciam e, em verdade, acabam por formular projetos modernistas distintos

Por outro lado, Mário de Andrade parece ter investido, com incansável trabalho autodidata, em vários domínios do conhecimento — poesia, literatura, belas-artes, música, folclore, etnografia e história —, tornando-se um homem de muitos “instrumentos”. Assim, ainda jovem, conseguiu se impor como um dos líderes do modernismo e de sua geração intelectual. Certamente, ao lado de traços biográficos, outros fatores concorreram para tornar possível esse verda-

deiro “prodígio criativo”: as peculiaridades de sua formação, o acanhado mercado intelectual da época e seus sucessivos envolvimento políticos.

Mário de Andrade nasceu e viveu na cidade de São Paulo, sempre em companhia da mãe e da tia materna e madrinha, Ana Francisca de Almeida Leite Moraes, com exceção do curto período que passou no Rio de Janeiro, então Capital Federal, entre 1938 e 41. Em São Paulo, morou a maior parte da vida na rua Lopes Chaves, no bairro da Barra Funda, onde reuniu notáveis bibliotecas, acervo de documentos e coleções de artes plásticas eruditas e populares. Lá ele escrevia cotidianamente aos amigos, e também se reunia com alguns deles, além de alunos e discípulos. Nessa mesma casa, a 25 de fevereiro de 1945, aos 52 anos de idade, morreu de infarto do miocárdio, solteiro, como foi durante toda a sua curta mas rica vida. Seu corpo está enterrado no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Seu legado intelectual, escrito e não escrito, está vivo e à espera de novos leitores e intérpretes, corajosos o suficiente para aprender a sentir e a pensar o Brasil, a causa pela qual Mário de Andrade viveu tão intensamente.

Sentir e pensar o Brasil. Nem sempre essas duas ideias andaram, ou andam, juntas. Mas foi tema da correspondência entre Mário de Andrade e, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade no início da amizade que ligaria os dois. Em carta datada de 22 de novembro de 1924, o poeta mineiro desabafava para aquele que já reconhecia como o líder intelectual do modernismo:

Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas às vezes me pergunto se vale a pena sê-lo. [...] O Brasil não tem atmosfera

mental; não tem literatura; não tem arte; tem apenas uns políticos muito vagabundos e razoavelmente imbecis e velhacos.

E recorria, na sequência, às afirmações do escritor, político e diplomata Joaquim Nabuco, feitas no capítulo 3 de suas memórias, intituladas *Minha formação* e publicadas em 1900, de que “o sentimento em nós é brasileiro, mas a imaginação europeia”, e o “Novo Mundo, para tudo o que é imaginação estética ou histórica, é uma verdadeira solidão”. Irônico,

Primeira página de um caderno de Carlos Drummond de Andrade, com dedicatória a Mário

co, como quase sempre, Mário não hesitou em observar ao jovem poeta na resposta a sua carta:

Você fala na “tragédia de Nabuco, que todos sofremos”. Engraçado! Eu há dias escrevia numa carta justamente isso, só que de maneira mais engraçada de quem não sofre com isso. Dizia mais ou menos: “o doutor [Carlos] Chagas descobriu que grassava no país uma doença [transmitida pelos barbeiros] que foi chamada moléstia de Chagas. Eu descobri outra doença, mais grave, de que todos estamos infecciona-

dos: a moléstia de Nabuco”. É preciso começar esse trabalho de abasileiramento do Brasil...

E foi a esse trabalho de abasileiramento do Brasil que Mário de Andrade dedicou toda a sua vida, compartilhando-o com outros modernistas dos anos 1920, mas voltado, sobretudo, para os jovens com quem conviveu, como confessou em carta à pintora Tarsila do Amaral, que tanto lhe ensinara sobre o tema também. Mário de Andrade e sua obra nos mostram que o Brasil não é apenas o lugar do sentimento, mas também o da imaginação — do pensamento e da criação artística —, que juntos podem nos proporcionar, inclusive, uma visão mais integrada de nosso lugar no mundo. Daí a importância e a atualidade de Mário de Andrade num contexto como o nosso, em que a chamada “globalização” muitas vezes pode ser utilizada como justificativa para um aprofundamento da ignorância que nós brasileiros ainda temos do Brasil. E, mais ainda, do agravamento da “moléstia de Nabuco”, que insiste em separar sentimento e imaginação intelectual entre os brasileiros.

Mas é preciso advertir: abasileirar-se, do ponto de vista de Mário de Andrade, não significa tornar-se xenófobo, isto é, ter aversão a valores, práticas e povos estrangeiros. É antes adquirir uma maneira própria, mas democrática, sem intolerância e preconceito, de se relacionar com a história, as culturas e as pessoas do mundo. Na sequência a sua resposta a Drummond na referida carta, Mário sugeria:

De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães [e nós poderíamos

acrescentar hoje, sendo norte-americanos?]. Não porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas.

Descontando alguns aspectos que dizem respeito ao contexto da época, como o uso da noção de “raça”, não creio que o fundamental do raciocínio de Mário de Andrade tenha envelhecido durante as décadas que nos separam de sua afirmação. Ao nos aproximar dela, indo além de certos aspectos da condição colonial de origem do Brasil, quase sempre reiterados em nosso desenvolvimento histórico, ainda que em novas bases, temos sua concepção plural de civilização, na qual há lugar para as diferenças e para a convivência democrática entre diferenças. Civilizações e não apenas uma única civilização. A lição não é pequena se lembrarmos dos velhos e dos novos processos de homogeneização e padronização dos comportamentos, que oprimiram e oprimem grupos e costumes.

A obra de Mário de Andrade ainda tem muito a dizer sobre nosso país e sobre tantas outras coisas. Com seu caráter plural e polifônico, ela procura nos mostrar como, acima de qualquer coisa, nem tudo deve se fechar em um sentido único. E é a sua leitura que permitirá evitar o trágico destino em geral reservado aos “heróis” brasileiros, a exemplo daquele da própria rapsódia escrita por Mário, *Macunaíma*, que, após a sua jornada, acabou indo para o céu viver “o brilho inútil das estrelas”.